

Eles eram do Morro São Carlos, agora são do CV ou do TC – uma discussão sobre identidades.

Eladir Fátima Nascimento dos Santos*

Resumo:

O Morro de São Carlos que tivera intensa vida cultural na década 1920 aparece nos relatos de antigos diretores da FAFERJ como espaço de refúgio de resistentes da ditadura militar, no final dos anos 1960 e início dos 1970. Essas características da favela favoreciam aos seus moradores a aquisição de valores e comportamentos que compunham suas identidades. Propomos uma reflexão sobre o que consideramos alterações nas paisagens históricas que fragmentaram a favela do Morro de São Carlos e outras tantas da cidade, deslocando as categorias de pertencimento de seus moradores. A partir da despolitização das relações sociais, depois da década de 1990, o Morro do São Carlos torna-se, um território como tantas outras favelas, em que os jovens se identificam como moradores de áreas comandadas por determinadas facções criminosas ligadas ao tráfico de drogas.

Palavras-chave: favela, memória, identidade

Abstract

The *Morro de São Carlos*, with intense cultural living during the 20's, is reported at FAFERJ (Slums Associates of Rio de Janeiro) as a place of refuge for those against the Military Dictatorship at the 60' and 70's. This characteristic influenced the residents' values and behaviors, altering their identities. It is our propose to think about the changing on the historic landscape that modified the Morro de São Carlos Slum, and others all over the town, altering the residents identity. As the end of the political relationship, after the 90', the São Carlos Slum becomes, as others Slums, a place where the youth identifies itself as residents of an area controlled by the drug traffic.

Words-key: slum, memory, identities

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro).

“Dum coro de gato / Nasci um surdo, repicado / a repicar no ouvido do mundo / Sou brasileiro, bem mulato / Bamba e valentão / Sou o cupido do amor / De minha raça / Tocando um samba / Nas cordas de um violão / De um violão / se a vida é um jogo de esperteza / Aprendi a ser coringa com firmeza / Jogo de pernas, capoeira / É ginga prá pular / É popular / (...)”.

Malandrando (1987) Silvio Lana, Luís Melodia e Perinho Santana.

Nesses versos, os autores da letra da canção popular, um deles Luís Melodia nascido no Morro de São Carlos, apresentam uma identidade bem marcada pelo lugar favela, associando-a ao samba, à música, à capoeira, isto é, a elementos de uma visão que apresenta a favela como *locus* dos bambas e valentões. Neste caso o lugar é fator determinante para a construção daquela identidade.

A identidade trata-se do entendimento que as pessoas têm de quem elas são e o que consideram importante para qualificá-las. Desde que nascemos até nossa morte, sempre estamos interagindo com outras pessoas, e nossas identidades são forjadas sob as ações dos grupos sociais nos quais estamos inseridos. Adquirimos valores, desenvolvemos comportamentos e, desse modo, formamos nossa identidade e por ela somos reconhecidos. Geralmente as pessoas são identificadas como pertencente à determinada etnia, à determinada nacionalidade, a uma classe social, a um gênero, etc. São identificações generalizantes que classificam sem atentar para especificidades individuais.

A sociologia, preocupada com uma visão mais ampla sobre o porquê somos como somos e porque temos determinados comportamentos em condições sociais diversas, verificou a existência de uma identidade social e uma auto-identidade. Mesmo estando as duas imensamente relacionadas, a primeira refere-se às características que são atribuídas a um indivíduo pelos outros e a segunda trata-se da identidade pessoal.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu ao estudar o funcionamento do espaço social observou que o mesmo se baseia na vontade de distinção dos indivíduos e dos grupos, isto é, na vontade de possuir uma identidade social própria que permita existir socialmente, ser

3

reconhecido pelos outros, adquirir importância e visibilidade. Essa identidade social pode se repousar sobre o nome de família, sobre a filiação a uma família ou a uma linhagem, sobre a nacionalidade, a profissão, a religião, a classe social, ou seja, sobre alguma etiqueta. O autor afirma que existir socialmente é ser percebido, é ser reconhecido por suas propriedades distintas. (2007.p.144-5)

Essa discussão introdutória faz-se necessária, já que pretendemos, além de um texto descritivo, também uma discussão sobre a identidade do morador do Morro de São Carlos, para inferir junto com autores que trataram do tema da identidade sob o ponto de vista da sociologia e da memória social.

O Morro do São Carlos é uma favela localizada na zona norte do Rio de Janeiro, no bairro chamado Estácio. É uma das mais antigas favelas da cidade, pois, a ocupação da região ocorreu a partir dos primeiros anos do século XX quando ocorria a expulsão dos moradores dos cortiços do centro da cidade para abertura da Avenida Central, atual Avenida Rio Branco. Próxima da região do Mangue, atual Praça Onze, a área antes denominada Morro de Santos Rodrigues, só passou a denominar-se Morro de São Carlos a partir dos anos 1920. Nessa época a subida do Morro de São Carlos, na rua Maia Lacerda, era o espaço privilegiado por moradores de diversas favelas da região - Providência, Gamboa, Mangueira, Morros da Tijuca - que se encontravam nos botequins para beber uma cachacinha, jogar um carteadado ou ver e freqüentar as chamadas “mulheres da vida”. O lugar logo virou espaço de sociabilidades, reduto da boêmia carioca e de busca de prazeres. Entre esses prazeres o que mais se sobressaía eram os da música, dos ritmos, das gingas, das malemolências, do samba. Culminando essa característica, em 1928, no Morro de São Carlos, os sambistas Ismael Silva, Brancura e mano Edgar, entre outros, fundaram a primeira Escola de Samba brasileira, a “*Deixa Falar*”.

O pesquisador Carlos Nogueira, autor da tese de doutorado defendida na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), “No São Carlos era assim...” afirma que o samba moderno nasceu no Estácio, ao pé do Morro de São Carlos e tem relação direta com as

4

favelas por causa dos negros, a maioria ex-escravos que subiram os morros para construir seus locais de moradia.

A partir da década de 1920 os moradores do Morro de São Carlos passaram a se identificar como os moradores do local considerado “berço do samba”. Situação que irá perdurar por mais de cinco décadas. Lugar onde, nos anos 1930, nascera, além da “*Deixa Falar*”, mais três escolas de samba: a “*Paraíso das Morenas*” do João Pimentão, a “*Recreio de São Carlos*” de Milú e a “*Cada Ano Sai Melhor*” de Jorge Burundú, todas que nos anos 1950 se juntariam na “*Unidos de São Carlos*”.

O final dos anos 1960 e início dos anos 1970, além da identidade de pertencimento a um reduto do samba carioca, os moradores do Morro de São Carlos passaram a se sentir residentes de um espaço formador de novas identidades. O Brasil vivia o período da Ditadura Militar que colocava em curso seu regime discricionário, perseguindo, prendendo e matando seus opositores políticos. Naquela época, a localização do Morro de São Carlos, por sua proximidade com o centro da cidade, constituía-se em local privilegiado para moradia de um número considerável de trabalhadores do porto do Rio de Janeiro, do comércio e da indústria que se desenvolvia. Muitos desses trabalhadores receberam influências de sindicalistas ligados ao Partido Comunista Brasileiro e, em seus locais de trabalho, participavam de lutas sindicais e de atividades políticas nas quais construía uma consciência de classe e, sobretudo, uma clara concepção de que se vivia um período ditatorial no país.

Foi do Morro de São Carlos que saiu a principal liderança do movimento dos favelados da cidade do Rio de Janeiro, Vicente Ferreira Mariano. Presidente da Associação de Moradores do Morro de São Carlos de 1963 a 1973 e presidente da Federação de Favelas do Rio de Janeiro, FAFERJ desde a sua criação até meados dos anos 1970, Vicente Mariano e outros diretores das entidades que ele presidia transformaram o Morro de São Carlos um “verdadeiro quartel general”, (expressão usada por Lúcio de Paula Bispo em entrevista concedida à autora em 15.10.2007) da resistência à ditadura militar instalada no país a partir de 1964. E com a vantagem, como afirma Lúcio Bispo, de que “pelo preconceito vigente

5

contra os favelados da cidade, os organismos da ditadura não acreditavam serem os favelados capazes de organizarem-se politicamente e lutar contra a ditadura militar”.

Ao observarmos a entrevista concedida por Abdias Nascimento, presidente da Associação de Moradores do Morro de São Carlos entre 1965 e 1968 e membro do Conselho Deliberativo da FAFERJ, encontramos suas alusões ao significado que o Morro de São Carlos teve nesse período.

“Só vinham para a favela pessoas de confiança. Aqui no São Carlos tinha um barraco que era usado só para isso. Mas teve gente que ficou escondida também em casa de família e na Capela São José Operário. Ninguém podia bobear porque a polícia estava nas nossas barbas. O muro da capela dava direto para uma delegacia”. Abdias também afirma que “a favela não era vigiada pelos militares porque eles achavam que a nossa luta era só por infra-estrutura. Eles não desconfiavam, mas tinha muita gente consciente e politizada que também discutia questões ideológicas nas favelas”. (Abdias Nascimento. Site favelatemmemoria.com.br)

O que o Morro de São Carlos representou no campo da cultura, nos anos 1920 e da política nos anos 1960 e 1970 muito influenciou os jovens residentes daquele lugar. Muitos procuraram suas referências no campo da música como Luiz Melodia e Gonzaguinha e muitos outros na política comunitária. A Associação de Moradores de São Carlos sempre se destacou no movimento popular.

O cantor e compositor Luiz Melodia em depoimento concedido ao jornal *O Estado de São Paulo*, publicada no site www.estadao.com.br em 27/07/2007, na ocasião em que lançava seu novo CD, no qual constavam melodias que marcaram sua infância e adolescência no Morro de São Carlos contou que voltara à favela poucos dias antes para gravar cenas de um documentário sobre a sua carreira. Levou um susto. “Sempre é bom voltar ao São Carlos. É ótimo rever os amigos. Alguns estão adoentados. Outros desdentados. Muitos se deram bem. Mas o que mais pega é o tráfico de drogas. Isso é muito triste”.

Melodia que trocou a favela pela zona sul, nos anos 1970, lamenta e rememora afirmando que

“Era uma época em que as favelas cariocas não tinham virado áreas dominadas pelo tráfico de drogas. A favela ainda tinha glamour. Era aquela coisa da vizinha gritar pedindo uma xícara de farinha emprestada para fazer um bolo. Hoje não. É uma tristeza ver esta garotada armada mandando nos moradores”.

Da matéria jornalística consta, além da memória das antigas sociabilidades da favela carioca, a explicação de que o episódio que abalara Melodia aconteceu quando este filmava um depoimento para o documentário numa das vielas do morro. Primeiro, teve que pedir autorização ao chefe do tráfico para filmar na favela. Achou um absurdo. “Imagina só. Eu, cria do São Carlos, pedindo autorização...” Não foi só. Quando já estava lá filmando, foi cercado por um adolescente armado com uma submetralhadora mandando parar tudo. Melodia teve de negociar, argumentar que já tinha autorização do chefe do tráfico. O compositor pergunta: “Pode isso? O cara ter o comando de uma comunidade? É uma doideira”.

O historiador e professor Marcos Alvito no Seminário “A memória das favelas”, organizado pelo ISER (Instituto de Estudos da Religião), em 2003, ao referir-se às relações entre memória e identidade faz perguntas e dá respostas:

“Qual é a identidade que um garoto de São Carlos tem? É em cima da criação da primeira escola de samba? É em cima de ter sido refúgio de resistentes da ditadura militar? É em cima de ter sido sede de uma liga operária, de um sindicato extremamente importante? Não. Não é nada disso. A identidade dele é Comando Vermelho (CV) se morar no Zinco, na Mineira ou no São José Operário ou Terceiro Comando (TC), se morar no Larguinho. (Cadernos do ISER nº 59 , 2004. .p.114).

O sociólogo Michael Pollak, em seu artigo *Memória e Identidade Social*, nos mostra que na construção da identidade há três elementos essenciais que são o sentimento de pertencimento

7

a um grupo, o sentimento de continuidade dentro do tempo e o sentimento de coerência. Observa que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo na construção de si. (1992:204-5).

Analisando o nosso objeto de discussão, a identidade dos jovens moradores do Morro de São Carlos, podemos concordar com Pollak quando observamos o depoimento de Wagner Costa Santos, presidente da Associação de Moradores do Morro de São Carlos em 2003. Em uma entrevista para o site “Viva Favela” ele afirmou que o Morro de São Carlos está sem memória porque “vieram outras gerações e a história do samba na favela foi se perdendo”. Ele que, na época da entrevista tinha 41 anos, lembra que ficava sempre na porta das casas de cômodos das redondezas tomando conta para avisar quando a polícia chegava, pois, o samba e a malandragem eram violentamente reprimidos pela polícia até os anos 1960.

Até meados do século XX eram encontrados no Morro de São Carlos e em outras favelas cariocas, em meio à população trabalhadora, o malandro de temperamento exuberante, misto de boa praça, bamba que sabia distribuir rabo-de-arraia, usar a navalha, roubar somente os ricos, Poderíamos chamá-los até de “*bandidos românticos*”. Eles estavam presentes nos bairros boêmios e, o Morro de São Carlos era um deles. Porém a modernidade também chegou ao Morro de São Carlos e às demais favelas da cidade. Chegou com todas as suas volatilidades e com ela chegou o “bandido-formado” e o “bandido-empresário” na categorização feita socióloga Alba Zaluar (1983.p.266)

As novas sociabilidades presentes na favela do Morro de São Carlos, resultantes das alterações das paisagens históricas acarretaram o deslocamento das categorias de pertencimento dos moradores. A perda da memória dos aspectos da cultura local como o fato de ser o “berço do samba” e a despolitização das relações sociais dos anos 1990, deixaram o vácuo, logo preenchido pelos novos atores, que são os “donos do morro”, o “bandido-empresário”, para servirem de referência na formação das identidades dos jovens moradores.

8

Os jovens do Morro São Carlos e das demais favelas do Rio de Janeiro territorializadas pelo tráfico de drogas dirigido pelos “bandidos-empresários”, em meio das constantes guerras de quadrilhas do crime organizado, na construção de suas identidades e determinação de suas categorias de pertencimento, têm como referências as facções criminosas. Dessa forma compreende-se porque o garoto afirmará categoricamente que por morar no Larginho ele é TC ou por morar no Zinco ele é CV.

O filósofo inglês Anthony Giddens, em seu livro *Modernidade e Identidade*, ao refletir sobre aspectos da sociedade moderna, procura entrar no terreno da auto-identidade para analisar de que forma a contemporaneidade se relaciona com os aspectos mais íntimos da vida pessoal. Procura também observar a transformação ocorrida na concepção de identidade a partir do rompimento com uma ordem considerada tradicional. O autor reconhece que em uma sociedade tradicional, a identidade social dos indivíduos é limitada pela própria tradição, pelo parentesco, pela proximidade, pela localidade. A modernidade rompeu com esses aspectos limitadores e tem enfatizado o cultivo das potencialidades individuais, favorecendo o surgimento de identidades móveis, mutáveis. Giddens afirma que o “eu” torna-se, cada vez mais um projeto reflexivo, pois não existe mais a referência da tradição, e por isso descortina-se, para o indivíduo, um mundo de diversidade, de possibilidades abertas, de escolhas. No entanto chama atenção para os limites da capacidade de escolhas. “Falar de uma multiplicidade de escolhas não é o mesmo que supor que todas as escolhas estão abertas para todos, ou que as pessoas tomam todas as decisões sobre as opções com pleno conhecimento da gama de alternativas possíveis”. (2002,80).

As conclusões de Giddens nos ajudam a compreender que a modernidade rompeu realmente, também no Morro de São Carlos e em outras favelas cariocas com a ordem tradicional. Lá essa questão sempre esteve, inclusive, mais agravada devido às piores condições econômicas que levam, muitas vezes à desagregação das relações familiares, de parentesco. Observamos também que são mínimas as escolhas abertas, para construção das identidades dos jovens moradores. Além disso, há o aspecto mítico e também perverso dessa realidade em que o bandido considerado “dono do morro” apresenta-se como protetor do lugar encobrindo a realidade da coação que ele exerce no espaço sob seu domínio.

O historiador E.J.Hobsbawm em seu livro *Rebeldes Primitivos* diz que há uma espécie de código de comportamento que sempre tende a desenvolver-se nas sociedades que não dispõem de ordem pública eficaz, ou nas sociedades em que os indivíduos consideram as autoridades hostis (1978:40). Sabemos que o Morro de São Carlos e as demais favelas territorializadas pelo tráfico de drogas e seus comandos, são por excelência lugares onde os moradores consideram as autoridades constituídas hostis. Os jovens conhecem bem a violência e hostilidade das autoridades constituídas sobre as favelas. Delas não esperam proteção e iludem-se acreditando que da parte dos bandidos, do “dono do morro”, possa-lhes ser assegurada alguma proteção. Daí pode-se explicar a influência que esses “donos do morro” e suas organizações criminosas exercem sobre os jovens moradores, levando-os a se identificarem como pertencentes ao local dominado. Assimilam códigos de comportamento, seguem as regras determinadas pelos donos e seus lugares-tenente, pois, essa é também a frágil garantia de sobrevivência naqueles lugares.

O cronista Zuenir Ventura, em uma de suas avaliações do cotidiano do país, apresenta algumas mudanças de valores que vinham ocorrendo no final do século XX. Por evocar tipos sociais das favelas cariocas: o malandro de outrora e o traficante de hoje, sua crônica é relevante para nos auxiliar na compreensão da influência que esses tipos, logicamente, exerceram sobre as identidades não só nos morros como no país “A grande transformação antropológica que o brasileiro sofreu dos anos 50 para os 90 pode ser observada nos morros cariocas: malandro virou traficante e trabalhador é chamado de otário. Somos mestres na boa e na má esperteza”.

Podemos ir mais adiante e parodiando o cronista, afirmar, nos arriscando a previsões calcadas em observações da realidade, que a grande transformação antropológica do início desse nosso século XXI poderá vir a ser observada também nos morros cariocas onde os jovens possam construir suas identidades em uma ordem social mais justa. Observar que “malandramente”, muitos jovens do Morro de São Carlos e de outras favelas cariocas vêm dando uma grande volta por cima, buscando as memórias das favelas. Isso os tem ajudado a enfrentar os desafios do presente e a construir suas identidades em valores positivos e mais

10

emancipatórios. Esse sim deve ser o novo malandro, o novo tipo antropológico do século XXI.

Referências Bibliográficas

BOUDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand. 2007

.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro, Zahar. 1992

HOBBSBAWM, Eric. *Rebeldes Primitivos*. Rio de Janeiro. Zahar. 1978

POLLAK, Michael, *Memória e Identidade Social*. In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro, v5,n1,1992, p.200-12

VENTURA, Zuenir. *Crônicas de um Fim de Século*. Rio de Janeiro. Objetiva, 1999

ZALUAR, Alba. *Condômino do diabo*, In PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Crime Violência e Poder*. Rio de Janeiro. Brasiliense. 1983